

# FHC e Sarney trocam papéis

por Maria Cristina Fernandes de São Paulo

A posse do novo Congresso emprestou à era Fernando Henrique Cardoso ares de uma Nova República às avessas. No Senado, manda o governo Sarney; na Câmara, o comando é do Centrão, o mais influente grupo parlamentar da Constituinte de 1988.

No outro lado da Praça dos Três Poderes, a Presidência da República é ocupada pelo ex-líder do governo Sarney no Congresso que, durante a Constituinte, enfrentou — e perdeu — algumas das batalhas mais importantes da Carta contra o Centrão.

O senador José Sarney tem uma minirreprodução do seu Ministério no Senado que passou a presidir desde a semana passada. Além de Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), seu poderoso titular das Comunicações, Sarney ainda conta com Jader Barbalho (PMDB-PA), que ocupou dois ministérios em sua gestão (Reforma Agrária e Previdência Social); Iris Rezende (PMDB-GO), seu ministro da Agricultura; e Hugo Napoleão (PFL-PI), um dos três titulares da Educação que passaram pelo seu governo.

Se forem contados entre os ministros de Sarney aqueles que, apesar de

escolhidos por Tancredo Neves, se mantiveram durante o primeiro ano de governo, a lista ainda abrange o líder do PPR na Câmara, Francisco Dornelles (RJ), que ocupou a pasta da Fazenda; o senador Pedro Simon, seu adversário na disputa pela presidência do Senado e titular do Ministério da Agricultura no seu governo; e até um representante da atual frente de oposições, o líder do PSB, deputado Fernando Lyra (PE), primeiro ministro da Justiça na Nova República.

Foi de Lyra o comando de uma das instituições da Nova República, retomada por este governo — o Conselho Político. Aquele conselho, a exemplo do atual, também reunia os líderes dos partidos governistas — a Aliança Democrática — e, assim como esta, o conselho político da Nova República teve fôlego curto.

Foi a Aliança Democrática parida por Tancredo Neves que criou o posto de líder do PMDB no Congresso, a fim de acomodar as crescentes pretensões políticas do senador paulista Fernando Henrique Cardoso.

Não havia cargo de liderança de governo e esta era efetivamente exercida

(Continua na página 9)

GAZETA MERCANTIL

- 6 FEV 1995

GOVERNABILIDADE

# FHC e Sarney trocam papéis

por Maria Cristina Fernandes de São Paulo

(Continuação da 1ª página)

por três líderes do PMDB — no Congresso, na Câmara e no Senado. Fernando Henrique repartia essa missão com o deputado Pimenta da Veiga (MG), que mais tarde o acompanhou rumo à criação do PSDB, e com o senador Humberto Lucena, cuja atuação no caso do uso da gráfica do Senado seria responsável, anos mais tarde, por um dos maiores embargos do primeiro mês de governo do atual presidente.

Já rompido com o ex-presidente José Sarney, o senador Fernando Henrique Cardoso assumiria a liderança do PMDB no Senado para enfrentar a gula do "Centrão" durante a Constituinte.

O rompimento foi feito em alto e bom som depois de uma reforma ministerial ao final do primeiro ano de seu governo em que Sarney tentou desfazer-se dos nomes indicados por Tancredo Neves e montar sua própria equipe.

Na ocasião, Fernando Henrique Cardoso declarou a repórter Cecília Pires: "A Nova República é a mesma Velha República do passado... quem manda hoje é a ala moderada do Exército com a ala liberal do antigo regime e um grupo de amigos do presidente".

Dois anos mais tarde, já líder do PMDB no Senado e às vésperas de mais um novo rompimento, desta vez com seu próprio partido, ele justificou seu desencanto com o governo Sarney ao repórter Artur Ribeiro Neto: "A experiência dessa fracassada transição mostrou que o que é mais lamentável aqui é a vacilação de caráter, essa coisa que hoje é o sistema de corrupção que se generalizou... Não quero que o presidente Sarney esteja envolvido. Mas o sistema que ele montou é esse e ele é o presidente do sistema".

Aquela altura, quem tinha prestígio no "sistema" era a turma do "Centrão", o poderoso grupo parlamentar que chegou a ser formado por 327 parlamentares de partidos de centro-direita, entre eles, moderados do PMDB, PDS, PFL e PTB.

Foi no "Centrão" que se projetou a atuação parlamentar do jovem deputado Luiz Eduardo Magalhães (PFL-BA), hoje presidente da Câmara. Na época de sua criação, o Centrão foi definido por seus participantes como um bloco parlamentar cujas prioridades guardam semelhanças com o que hoje pretende Fernando Henrique Cardoso na reforma constitucional: um texto constitucional enxuto e a defesa do livre mercado.

O senador Fernando Henrique Cardoso, como se sabe, não pertencia ao Centrão. Foi a adesão de mais de uma centena de pemedebistas às teses encampadas pelo Centrão em negociação pelo presidencialismo e pelos cinco anos de mandato de Sarney que, em última instância, levaram à criação do PSDB por dissidentes do PMDB, entre eles, o atual presidente.

A dissidência dos tucanos foi a consumação do desencanto das pemedebistas "históricas" com a Aliança Democrática. O PFL é um partido que a todo instante, beira o fisiologismo sob o pretexto da existência de uma economia de mercado que, na verdade, não é mercado coisa nenhuma; é o Estado dando benesses. E ele se distingue do que é o PMDB porque o PMDB é um saco de gatos, tem tudo no PMDB"; explicou o senador Fernando Henrique ao repórter Artur Ribeiro Neto, seis anos antes de, como presidente da República, ter a incumbência de conduzir as reformas que julga essenciais ao seu mandato com o PMDB e o PFL no comando das duas Casas do Congresso. Como no tempo da Aliança Democrática.

GAZETA MERCANTIL

- 6 FEV 1995

- 6 FEV 1995